

Bloqueio na leitura-escrita de textos psicanalíticos entre analistas lacanianos.

Blockage in the reading-writing of psychoanalytic texts among Lacanian analysts.

GABRIEL BARTOLOMEU

TAINÁ PINTO

RESUMO:

A consideração de que o saber em psicanálise é textual expõe o quanto leitura e escrita são operações incontornáveis no campo psicanalítico, seja para a realização de pesquisas ou para a atuação clínica. Tomamos como objeto de investigação desse trabalho uma problemática teórico-prática: o bloqueio na leitura-escrita de textos psicanalíticos entre analistas lacanianos. Começamos caracterizando esse bloqueio, em seguida buscamos pensar os efeitos que ele produz no campo, e, por fim apresentamos estratégias para a abordagem do problema.

PALAVRAS-CHAVE: texto – saber – bloqueio – leitura – escrita.

ABSTRACT:

The consideration that knowledge in psychoanalysis is textual exposes how reading and writing are inescapable operations in the psychoanalytic field, whether for carrying out research or for clinical practice. We have taken as our object of investigation a theoretical-practical problem: the blockage in the reading-writing of psychoanalytic texts among Lacanian analysts. We begin by characterizing this blockage, then we try to think about the effects it produces in the field, and finally we present strategies for dealing with the problem.

KEYWORDS: text – knowledge – blockage – reading – writing.

O intuito desse trabalho é circunscrever e compartilhar algumas questões que apareceram ao longo dos encontros ocorridos no primeiro semestre de 2023 do grupo de pesquisa O que é investigar em psicanálise? Partilhamos também nossas investigações textuais sobre leitura e escrita, e um pouco do que escutamos de sócios participantes de outros espaços de APOLa. Tomamos como objeto de investigação uma problemática teórico-prática: o bloqueio na leitura-escrita de textos psicanalíticos entre analistas lacanianos.

Por que falar sobre bloqueio na leitura-escrita no campo psicanalítico?

Parece-nos relevante propor uma reflexão sobre o tema, pois, ler e escrever são operações incontornáveis para o pesquisador no campo psicanalítico. Isto é, para que o psicanalista possa contribuir com o avanço de sua área ele precisa ter as ferramentas teóricas e metodológicas necessárias para a abordagem do material textual produzido e compartilhado, assim como para tratar desse material e a partir dele produzir novos textos.

Além de operações incontornáveis na pesquisa, leitura e escrita são igualmente imprescindíveis no trabalho clínico que, para Dutra (2021), nada mais é do que um trabalho com o texto. Nas palavras da autora: “O que o analista tem que saber é o que lhe permite operar logicamente com o texto clínico. O saber é textual e a análise corresponde a um trabalho de leitura e escrita com o texto clínico”.¹ Portanto, não há escapatória, em psicanálise o saber é textual, por isso, para um psicanalista, saber operar com textos é fundamental.

Reforçando esse ponto argumentativo, citamos o PIC de APOLa, item f, dos conceitos articulados, em que se afirma:

A prática do dispositivo analítico se vincula a um trabalho lógico de interpretação de um texto devidamente formalizado.²

Novamente aqui nos deparamos com a compreensão de que a prática clínica é um trabalho com o texto, trabalho lógico de interpretação de um texto formalizado. Para esta formalização faz-se necessário recursos teóricos-metodológicos de leitura e escrita.

Assim, se leitura e escrita são processos centrais tanto na pesquisa teórica quanto na prática clínica em psicanálise, podemos afirmar que um analista que sofre de um bloqueio na leitura-escrita de textos pode não só estar impossibilitado de abordar o material escrito produzido em seu campo de atuação como também o material clínico.

Como se caracteriza o bloqueio na leitura-escrita de textos psicanalíticos entre psicanalistas lacanianos?

O pesquisador Robson Cruz (2020), em um estudo sobre o bloqueio da escrita, baseado tanto em uma investigação teórica quanto clínica, relata que há de maneira generalizada entre pesquisadores de diversos campos uma experiência subjetiva negativa em relação à prática da escrita. O autor define o bloqueio da escrita como:

¹ Dutra, F. (2021). Formação em psicanálise. *O rei está nu: Revista para a psicanálise por vir*. Ano 1, número 1, p. 36.

² Programa de Investigação de APOLa (PIC).

[...] toda e qualquer dificuldade que uma pessoa apresenta para começar, manter ou finalizar a escrita de um texto em decorrência de pensamentos, sentimentos, emoções e sensações desagradáveis. Ansiedade, medo, culpa, vergonha, desânimo, tristeza, assim como pensamentos de inferioridade ou incapacidade intelectual, juntamente com sensações como dor de cabeça, dor de estômago, falta de ar e taquicardia, são exemplos de estados psicológicos e físicos conexos aos motivos do porquê muitos acadêmicos e acadêmicas não conseguem escrever com a satisfação desejada.³

Do mesmo modo, o filósofo Marcus Sacrini identifica a presença dessa experiência subjetiva negativa em relação à prática da leitura de textos complexos, tais como de obras de filósofos clássicos, levando universitários a um bloqueio de leitura, dificultando ou impedindo o estabelecimento de uma relação com o material textual que seja investigativa, autônoma, crítica e reflexiva.⁴

Em nosso campo, o bloqueio na leitura-escrita de textos psicanalíticos entre analistas lacanianos se caracteriza como o sentimento de limitação severa de apreender o sentido veiculado pelos textos de Jacques Lacan, bem como a dificuldade ou impossibilidade de elaboração de um texto argumentativo em psicanálise para compartilhamento seja em revistas ou apresentações orais. Trata-se de um tema frequentemente abordado por analistas durante os grupos de pesquisa de APOLa Brasília e São Paulo, a partir do relato de sócios e aderentes de que se sentem incapazes ou muito receosos de trabalharem um texto de Lacan para a partilha com os colegas. Apesar de não ser específico do campo psicanalítico, a queixa de bloqueio na leitura-escrita tende a ser um lugar comum entre os analistas lacanianos que, constantemente, queixam-se da dificuldade que representa a abordagem da obra de Lacan e a compreensão de suas ideias. Dificuldade que, para muitos analistas, configura-se como uma barreira quase intransponível de acesso a uma prática autônoma e crítica de leitura e de escrita em psicanálise.

Diferentemente do que se poderia imaginar intuitivamente, que o bloqueio na leitura-escrita tem causas individuais, o que os pesquisadores do tema defendem é que as causas são sociais. Trata-se de uma perspectiva não individualista da problemática, que inclui o Outro como elemento crucial tanto na produção quanto no tratamento desse bloqueio que é entendido como resultado de

³ Cruz, R. (2020). Bloqueio da escrita acadêmica. p. 19.

⁴ Sacrini, M. (2020). *Leitura e escrita de textos argumentativos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

uma conjuntura sociopolítica. Para Cruz e Sacrini, o tratamento desse bloqueio só pode ser realizado coletivamente, dentro de espaços institucionais específicos.⁵

Na visão desses autores, algumas das causas sociais do bloqueio na leitura-escrita são: ideal social romântico da escrita que a situa como um processo sofrido e destinado a almas dotadas de um talento ímpar; elitismo educacional que se caracteriza pelo acesso restrito a uma formação de leitura-escrita de qualidade, reservada a uma classe social privilegiada economicamente; questões de gênero e de raça que restringem o acesso de determinadas pessoas a espaços de formação ou desvalorizam o seu trabalho; resistência na comunidade científica de reconhecer que se trata de um problema coletivo e não de uma dificuldade individual; entre outros.

Quais efeitos esse bloqueio tem sobre o trabalho do(a) psicanalista?

Um dos efeitos do bloqueio da leitura-escrita é a dificuldade, quando não a incapacidade, do pesquisador acompanhar o debate sobre determinado tema de seu interesse, seja em seu campo, seja no conjunto da obra de um autor. Sacrini afirma que:

Se não se entende corretamente como os textos registram e fazem avançar esses debates e, de modo geral, o que significa desenvolver conhecimentos argumentativamente, então o estudo se reduz a um acúmulo de informações desconectadas das operações que lhes oferecem suporte lógico.⁶

Tal como aponta Sacrini, o pesquisador se vê impedido de compreender a dimensão estrutural do texto, tais como problema, tese, argumentos, contradições, etc., bem como a relação lógica das informações sobre o tema de maneira geral em sua área ou no pensamento de um autor. Com isso, não se consegue recuperar e interpretar corretamente o sentido textual, podendo levar o pesquisador a uma interpretação equivocada. Ainda, pode impedir que o pesquisador trabalhe com os textos originais do autor de seu interesse, recorrendo exclusivamente aos comentadores, pois, estes tendem a apresentar uma interpretação já elaborada e que torna a apreensão mais acessível. Resulta que o analista pode não desenvolver autonomia intelectual e espírito crítico, ficando à mercê da leitura e interpretação proposta por aqueles que conseguem fazer um trabalho de leitura e escrita que ele não consegue. Nesse sentido, o bloqueio da leitura-escrita nos parece uma variável importante na

⁵ Cruz, R. (2020). Bloqueio da escrita acadêmica; e Sacrini (2020).

⁶ Sacrini, M. (2020). *Leitura e escrita de textos argumentativos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 11.

manutenção de relações de submissão intelectual, nas quais se instituiu um mestre que porta o saber e um pupilo que não tem condições de saber.

Retomando Dutra (2021) em sua afirmação de que o saber com o qual o analista opera é textual, e que a análise corresponde a um trabalho de leitura e escrita do texto clínico,⁷ nos parece possível afirmar que também aí, na clínica, dificuldades de leitura e escrita poderão levar o analista a um acúmulo de informações desconectadas das operações que oferecem suporte lógico para o trabalho. De acordo com a autora: a análise consiste em saber e o saber é uma articulação significativa. O que nos permite afirmar que o trabalho clínico consiste em, a partir de determinada teoria e método, realizar articulações do material clínico trazido pelo paciente que inicialmente chega como informações desconectadas.

Quais estratégias para abordar o problema do bloqueio na leitura-escrita de textos entre analistas?

Lacan defendia uma ideia sobre a temática que vai ao encontro do que estamos propondo aqui; para ele, havia uma dificuldade entre os analistas lacanianos na leitura-escrita de textos psicanalíticos, resultado de uma formação educativa que não habilitava o leitor-escritor a abordar o texto de maneira que conseguisse extrair dele o seu sentido elementar. Em uma entrevista dada em 1969, Lacan fala sobre essa problemática:

Meu 'retorno a Freud' significa simplesmente que os leitores se preocupem em saber o que é que Freud quis dizer, e a primeira condição para isso é que o leiam com seriedade. E não basta, porque como uma boa parte da educação secundária e superior consiste em impedir que as pessoas saibam ler, é necessário todo um processo educativo que permita aprender a ler de novo um texto.⁸

Parece-nos interessante que Lacan proponha um processo educativo que habilite o analista à leitura dos textos psicanalíticos. Como seria esse novo modo de ler um texto? E como seria esse processo educativo? Ainda não nos foi possível recuperar se ao longo de seu ensino ele realiza alguma proposta nesse sentido ou se o faz no âmbito da instituição que fundou. Porém, podemos dizer que essa ideia de aprender um novo modo de ler a partir de um processo educativo se faz presente nos autores que investigam o tema do bloqueio na leitura-escrita.

⁷ Dutra, F. (2021). Op. cit. p. 35.

⁸ Caruso, P. (1969). *Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan*. <https://psicoanalisislacaniano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>.

Sacrini conta que, em parceria com outros professores, na graduação de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), propôs um espaço de estudo de teorias e métodos de leitura-escrita não intuitivos, diferentes daqueles aprendidos na escolarização fundamental e média. O autor afirma que os modos de se ler e escrever precisam ser especializados para que o investigador textual seja capaz de apreender a estrutura lógica e o sentido dos textos, bem como para elaborar escritos argumentativos fundamentados. Com a criação desse espaço de estudo teórico articulado à prática da leitura-escrita, obteve-se efeitos significativos sobre a possibilidade dos estudantes produzirem investigações textuais autônomas e críticas. Sacrini afirma que:

A leitura de textos complexos deixava de ser uma tarefa desmotivadora (porque sempre insatisfatória) e assumia o lugar central na elaboração do entendimento sobre os temas estudados. Por conseguinte, a participação nas aulas se desenvolvia muito mais ativamente e, de forma geral, o aprendizado deixou de se limitar à fixação passiva de conteúdos transmitidos pelo professor, e se tornou paulatinamente ocasião para sedimentar um saber cujos modos privilegiados de ordenação os alunos eram capazes de reconstruir por si sós.⁹

A experiência dos estudantes nesse espaço de estudo teórico, metodológico e prático, no geral, teve como efeito o desbloqueio na leitura-escrita, possibilitando o acesso ao pensamento de filósofos complexos como Husserl e Hegel através de uma abordagem metódica da obra desses autores, que podem ser considerados tão ou mais difíceis de se ler que Lacan.

Como dissemos, a abordagem do bloqueio da leitura-escrita é compreendida por Sacrini e Cruz numa perspectiva não individualista, portanto, a abordagem desse bloqueio precisa ser feita num viés sociopolítico e institucional. Isto é, faz-se necessário a construção de espaços compartilhados de estudo de teorias e métodos de investigação textual em instituições de ensino e/ou de pesquisa. Nesse sentido, não seria interessante a construção desse tipo de espaço em instituições de psicanálise? Nesse espaço seria possível se construir coletivamente aquilo que Lacan propõe como um processo educativo para se aprender a ler de novo um texto? Esse espaço poderia ser um contexto a partir do qual analistas que apresentam bloqueio na leitura-escrita poderiam desenvolver as habilidades necessárias para acederem a posição de pesquisadores e, assim, participarem de maneira mais ativa, autônoma e crítica em espaços de apresentação de pesquisas e de debate em nosso campo?

⁹ Sacrini, M. (2020). *Leitura e escrita de textos argumentativos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 12. (Grifo nosso).

BIBLIOGRAFIA:

1. Caruso, P. (1969). *Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan*.
<https://psicoanalisislacaniano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>
2. Cruz, R. (2020). *Bloqueio da escrita acadêmica: caminhos para escrever com conforto e sentido*. São Paulo: Artesã Editora.
3. Dutra, F. (2021). Formação em psicanálise. *O rei está nu: Revista para a uma psicanálise por vir*. Ano1, n.1. p. 33-47.
4. Sacrini, M. (2022). *Leitura e escrita de textos argumentativos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

GABRIEL BARTOLOMEU

Psicanalista, psicólogo e pesquisador. Mestre em Psicologia Clínica (IPUSP). Sócio de APOLa São Paulo.

E-mail: gbartolomeu@gmail.com

TAINÁ PINTO

Psicanalista e pesquisadora. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Estágio Doutoral Université Denis Diderot Paris 7. Sócia de APOLa Sociedade Psicoanalítica. Pesquisadora convidada do Centro Outrarte.

E-mail: tainahop@gmail.com